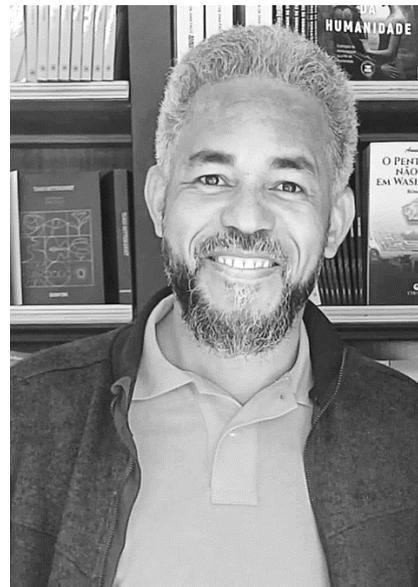
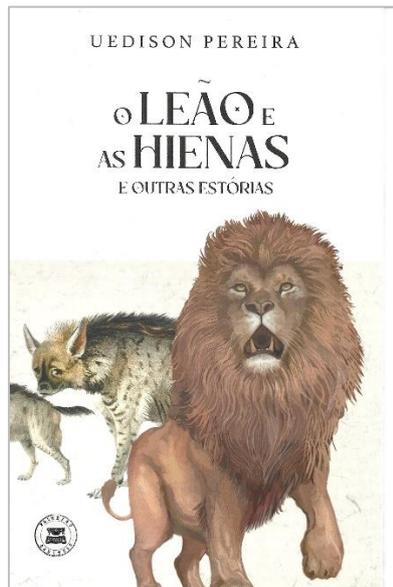


PEREIRA, UEDISON. *O LEÃO
E AS HIENAS E OUTRAS ESTÓRIAS.*
SÃO PAULO; LISBOA: PRIMEIRO
CAPÍTULO, 2023.



Uedison Pereira*

Ao ler a chamada para publicação na *Fernão* e observar os detalhes sobre como deveria ser a resenha, veio-me a inevitável pergunta: "Quem é Uedison Pereira e como foi produzido *O leão e as hienas e*

* Escritor (Pedro Canário, ES - 1976), licenciado em Humanidades pela Universidade Aberta de Lisboa.

outras estórias?". E quem era eu? Não eu Uedison do dia a dia, mas o Uedison Pereira escritor: brasileiro, com nacionalidade belga, nascido aos quatro de março de 1976 em Pedro Canário, ES, mas que vive na Bélgica desde 2002.

Fui para Vitória em 1981, e meus primeiros contatos com os livros ocorreram quando vi-me a frequentar assiduamente a Biblioteca Pública Estadual, na Praia do Suá, ao ponto de passar manhãs e tardes por lá pelo prazer e descoberta do mundo dos livros.

Na verdade, era uma fuga. Uma deliciosa fuga da realidade para o mundo nos livros para me levar no imaginário que essa maravilhosa experiência é capaz de ativar na psique de quem lê.

Essa vida em biblioteca permitiu-me participar de meus dois primeiros concursos literários. No primeiro, entrei já em andamento e ainda consegui o terceiro lugar. O do ano seguinte eu ganhei. O prêmio? Uma caderneta de poupança Banestes... Acho que de meio ou um salário... O dinheiro que era para ter sido retirado quando eu completasse dezoito anos, como ajuda nos estudos, quitou dívidas de água e luz da família. Dos quinze aos dezenove anos trabalhei nos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta* como entregador de jornal. Aos dezenove deixei tudo para o sonho de servir à Marinha, no Rio, por um ano. Estudei sozinho e ainda passei no vestibular 96/97 do curso de Letras da Ferlagos. Infelizmente, por depender de engajar na Marinha para pagar a faculdade, não pude fazer o curso. Voltei para Vitória e realizei mais um sonho: trabalhar numa livraria.

Foi nesse período da Livraria da Ilha que, junto ao amor pelos livros, comecei a entender o aspecto comercial por trás de tudo. E claro, os desejados contatos com alguns escritores que visitavam a Livraria da Ilha do Shopping Vitória, a mais bela livraria que o estado tinha tido até então. E mesmo não sendo como as megas de hoje, tinha um requinte e um charme que faziam com que sempre houvesse no ar um apelo à uma visita. Era uma livraria de status onde muitos

escritores gostariam de ter lançado um livro. Ainda guardo uma ou outra foto de arquivo de jornais da época...

Voltando aos escritores... Trabalhei com o escritor e poeta Sérgio Blank e com Saulo Ribeiro (que era estudante da Ufes) na Livraria da Ilha. Sergio Blank divulgava seu livro infantil *Safira*, e marcaram-me sua dedicação, o profissionalismo e o apreço por escritores clássicos. Outra que marcou muito foi a escritora Bernadette Lyra, de quem até então só havia ouvido falar e que, certamente, tinha algum livro na estante de autores capixabas. Aliás, é de ser dito que a Livraria da Ilha mantinha na época um dos maiores estoques (acervos) de autores capixabas. Afirmo isso porque eu trabalhava também no estoque, e o Danilo Abreu Vieira, um dos proprietários, era um apoiador dos escritores e da literatura produzida no Espírito Santo. Como não havia dentre os escritores capixabas um nome que atraísse o leitor, é justamente aí que entra a Bernadette Lyra com o lançamento de *Tormentos ocasionais*. Recordo-me de falarem muito do livro, e dela. Da excepcional beleza de capa para uma obra capixaba e o fato de que o Espírito Santo passava a ter o nome de uma escritora figurando no catálogo de uma das maiores editoras do país: Companhia das Letras.

O nome "Bernadette Lyra" surge, assim (para mim), como um divisor de águas. Se Rubem Braga já era um nome de peso, os capixabas passavam "*desormais*" a ter Bernadette Lyra. Para meu deleite, trabalhei no lançamento de *Tormentos....*

Enfim, passei na primeira fase do vestibular da Ufes, após algumas tentativas, no curso de Letras-Português, e fiquei de suplente. Mas já com o desejo de deixar o país, desesperançoso como muitos jovens na época, e também pelos constantes problemas na família, em 2001 emigrei para a Europa, até parar na Bélgica, em 2002.

Comecei a escrever cedo, por volta dos onze ou doze anos. Se bem que se levarmos em conta os concursos da Biblioteca Estadual, a prática da escrita se

inicia por volta dos nove anos. Tinha um caderno grande onde passava a limpo os poemas que escrevia, com datas. Um hábito que ainda mantenho como forma de conectar um texto ao momento da escrita. Minha poesia dessa época é uma poesia, digamos, de quem está a aprender, com um apreço pela poesia parnasiana e pelos sonetos, mas por não saber muito a respeito de técnica e literatura, eu imitava, tentando fazer igual. Compreendia a importância da musicalidade numa poesia e gostava de Olavo Bilac. Porém, não se espantem, sempre que lia "Se se morre de amor", de Gonçalves Dias, pela beleza lírica do texto, era como se eu estivesse lendo "Ao coração que sofre", de Olavo Bilac. Pois, mesmo sabendo do rigor parnasiano, o lirismo e a magia do amor no texto de Dias (primeira fase do romantismo brasileiro), muito me tocava. Havia algo que unia "Se se morre de amor", "Ao coração que sofre" e "Sonetos de fidelidade" (V. de Moraes), para mim, os três mais belos poemas sobre o amor da literatura brasileira.

Aprender sobre períodos literários, sonetos, métrica, etc., não era tão óbvio quanto pensava. Então lia as poesias para sentir a sonorização de um verso no ouvido e contava as palavras sem saber o que era sílaba poética. Foi um novo encantamento descobrir os modernistas com *A rosa do povo*, de Drummond, e *Sonetos* de Vinicius de Moraes.

Aos 17 anos escrevi umas 80 páginas do que seria meu primeiro romance, numa Lettera 82, bege, com o título provisório *Vitória: a rota secreta do pó*. Na sinopse, um grupo de amigos montava um plano de trazer droga para o Brasil embaixo dos cascos dos grandes navios que atracavam nos portos de Vitória. Soube alguns anos atrás que a polícia tinha descoberto drogas nos cascos de navios que passavam pelos portos da capital.

Tanto meus poemas quanto este romance inacabado foram, infelizmente, perdidos com as muitas mudanças de casas da minha família. Uma perda bem dolorida. Talvez algum dia crie coragem para remexer no baú da memória...

Em minha ida para a Europa não parei de escrever. Publiquei meu primeiro texto "A cruel leveza da ignorância sobre as coisas" (2003, Bruxelas) na já extinta revista *Real*, n. 7, destinada ao público luso-brasileiro de Londres e Bélgica. Guardo com carinho esse exemplar. É um texto poético lírico, com 5 estrofes de versos livres, sobre a incompreensão das coisas, do ponto de vista de quem deixa um mundo para entrar em outro, fazendo uso de uma oposição das coisas.

Concluí, na Bélgica, minha primeira graduação em Turismo e Gestão de Hotéis (*Institut Charles Péguy*, Louvain-la-Neuve) e fiz um ano de estudos em Línguas, Literatura e Culturas na Universidade de Aveiro (2008/9), em Portugal, pelo sistema Erasme. Alguns anos mais a frente concluí minha Licenciatura em Humanidades, num curso à distância, pela Universidade Aberta de Lisboa. Muito do conto "O leão e as hienas" deve às disciplinas ligadas aos estudos de literatura e história africanas.

Comecei a rever, corrigir e reescrever tudo o que eu havia escrito. Estava preparado para, enfim, entregar meu primeiro livro. Organizei tudo como uma antologia poética. Paginei e numerei cada texto, com o título *Ao som das palavras: poemas livres e sonetos*.

Porém, quando já estava para enviar o material para uma editora, como num *flash*, comecei a escrever *O leão e as hienas e outras estórias*. Tudo foi rápido. Essa etapa do processo criativo foi tão vívida que quanto mais escrevia, mais as narrativas tomavam forma. Todo esse processo criativo está registrado, etapa por etapa.

A opção pela estrutura do livro em três partes tem uma razão que, na verdade, é a essência de todo o livro em torno do número *três*. Não tem nada de numerologia. É, entretanto, uma referência metafórica à decomposição da movimentação humana (migrar, emigrar e imigrar) e, num segundo plano, uma referência à trindade da divisão do ser em corpo, alma e espírito e, numa interpretação mais além, a matéria, o espaço visível e o espaço imaginário. E, se

puderem notar, como muitos já têm observado, todos os contos seguem essa estrutura, em torno do três, mas sempre com a temática sobre o choque cultural no processo de imigração.

Desde a estrutura em três dimensões de "O leão e as hienas", em que falo da realidade com um mundo fantástico que reflete um contexto num espaço-tempo representado com metáforas e elementos simbólicos, intencionalmente inseridos nos textos como os pequenos mundos que aparecem apenas uma vez: o reino dos crocodilos verdes, uma acácia no meio do árido ou um determinado e estranho pássaro. Combinei tudo, fazendo uso de uma intertextualidade com elementos da cultura helenística e cristã, e também, da fauna e flora africanas. Um leitor mais atento notará que "O leão e as hienas" é uma estória de realismo fantástico, simbolicamente enriquecida, para falar de choque cultural em imigração.

O conto "A viagem", o mais curto dos três, é um relato bem mais pessoal. Algo que eu queria muito ter escrito sem ser uma biografia. Uma memória? Talvez... Algo do baú. Do baú da memória, que de tão distante fosse sentido como algo imaginário de nossa própria existência, como ser.

O último dos três contos, "O corpo de Hhai", também foi rapidamente escrito. Na verdade, quando paro para escrever, após ter a ideia sobre algo, o texto flui, as personagens surgem à medida em que o texto avança. Nesta estória eu quis criar uma narrativa que induzisse o leitor a ir para um lado, pensando em algo totalmente diferente e, ao passo que avança na leitura, descobre uma realidade distópica, onde a personagem central, Karel Vanwerk, está numa busca para a compreensão da separação da mulher. O *três* é também uma constante em todo texto e, não se engane leitor, é uma estrutura antagônica à estrutura dos três mundos em "O leão...". É antagônica no sentido de ser linear, enquanto na outra ocorre uma construção de universos paralelos ou sobrepostos e que se opõe mais ainda à construção do espaço-tempo em "A viagem", que é breve e única num

ponto, mas com uma diegese que invoca o leitor para uma viagem: uma reflexão sobre uma existência além do espaço diegético, ou prolongada.

Em "O corpo de Hhai", o simbolismo contido no número *três* está representado na geografia da Bélgica, politicamente dividida em três regiões (Bruxelas, Flandres e Walônia), nas três línguas oficiais (Neerlandês, Francês e Alemão) e nas três grandes cidades (Bruxelas, Antuérpia e Gent). Em Gent, onde moro, há as famosas Três Torres, que simbolizam a cidade. Essa referência é usada simbolicamente na construção da narrativa desse conto, a qual está enriquecida com elementos da mitologia helenística. A metáfora do "complexo da sereia" é uma ideia que mescla o complexo de Édipo e o mito da caverna com a sedução e o medo das sirenes da *Odisseia*. Esse encantamento é transfigurado na ilusão de que a tecnologia é uma forte luz que, em vez de nos clarear os sentidos, ou da razão, ela nos ilude com cantos, num mundo onde robôs fazem o trabalho dos humanos. E assim como as feras em "O leão e as hienas", eles não estão ali só como robôs. Os robôs são, simbolicamente, representações de pessoas, e que na estória representam o fluxo migratório e imigratório: a chegada de imigrantes de todo e de qualquer lugar. Pois, repito, é um livro sobre choque cultural e imigração, com uma reflexão sobre os aspectos da condição humana.

Se é um livro filosófico ou uma fábula? Prefiro responder, dizendo que deixo isso ao leitor. Não tinha em mente escrever uma fábula, até porque, do ponto de vista clássico, as fábulas remetem para uma reflexão sobre conceitos de ética e moral. Tenho em mim que, ao entregar uma obra, o escritor a livra ao mundo, tais os pais a um filho, para viver a própria existência.

Abro espaço aqui para as "Notas do autor", um paratexto introdutório, no qual explico ao leitor o que esperar da obra. É um texto sobre o processo criativo, as influências pessoais e literárias, como *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bettelheim, que muito me influenciou na maneira de escrever os contos. Penso que, se não o tivesse lido, não teria criado as narrativas como as criei, com a ideia de que os contos infantis (ou toda estória ficcional) abre espaço para uma

interpretação polissêmica. Também explico nessa parte a razão pela qual eu uso o termo "*estória*" e não "*história*", com a mudança ortográfica. Como tudo no livro é proposital, essa escolha é uma referência ao passado e ao presente, que era ou pode ser. Mas sou claro ao explicar que o termo "*estória*" reflete melhor o significado de uma narrativa ficcional por ser não-linear, ao passo que "*história*" invoca para uma narrativa linear de um espaço-tempo, e "História" para a disciplina acadêmica. Novamente, a dinâmica do *três*, aqui.

São três contos e não poderia ser mais que isso. Sairia do plano estrutural e metafórico do livro. Outra característica do livro, como um todo, é que os três contos são tão distintos quanto únicos, ou independentes. Na verdade, foi um objetivo pessoal, um desejo de tentar pôr em prática minha capacidade de condensar textos narrativos fluidos, em prosa, lírico e em poesia e aplicar a brevidade e a surpresa do conto clássico, mas também, a do conto moderno aberto, com uma abordagem textual lírica, fantástica e futurística.

Talvez, esse primeiro livro impresso possa ser visto como um experimento de técnicas de escrita, ao bem do termo. E entendo que isso soa um pouco perfeccionista... Talvez... Mas digo, de coração, que é tudo fruto da influência por ter lido de Machado de Assis (*O alienista* e "Pai contra mãe"), F. Sabino (*O grande mentecapto*), G. Márquez (*Relatos de um naufrago*), E. Hemingway (*O velho e o mar*) a Sidney Sheldon. E mais recentemente descobri os clássicos helenísticos.

Há em todo o livro uma homenagem a esses notáveis escritores, como na interpelação direta ao leitor (Sabino faz isso em *O grande mentecapto*, ao falar da impossibilidade de descrever a cena em que a personagem Geraldo Viramundo faz suas necessidades num buraco, ou quando Machado de Assis conversa com o leitor).

De um modo geral, as narrativas de minha obra, e passando pela poesia ainda inédita, sempre invocam um confronto, uma nostalgia, as dificuldades e as

vivências de uma experiência de vida que desde cedo tem sido a de um giramundo a conhecer culturas. Acabei, acho que posso assim dizer, me tornando um cidadão de três países, especiais para mim: o país em que nasci (Brasil), o país em que vivo e de que tenho nacionalidade (Bélgica) e um país que, por alguma razão, já desde pequeno causava em mim encanto (Portugal), mesmo sem ainda ter pisado os pés lá. Sinto-me pertencente a estes três países, pelas razões e vivências que tenho tido até aqui, que constituem, ao fim, minha formação como escritor.

Espero que descubram, e que apreciem, a leitura de *O leão e as hienas e outras estórias*. Meu segundo livro, uma antologia poética, que é na verdade meu primeiro, mas não impresso, está para ser publicado ainda este ano de 2024.

Recebida em: 16 de junho de 2024
Aprovada em: 20 de junho de 2024